

COMUNICAÇÃO E COMPETÊNCIA INTERCULTURAL: UM ESTUDO SOBRE A ONG AFS INTERCULTURA BRASIL¹

Fernanda Mayumi OGASAWARA²

André Tezza CONSENTINO³

Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

Com os avanços tecnológicos e da globalização, a demanda por um profissional que consiga superar barreiras culturais em prol de seu objetivo – seja uma negociação ou uma venda – é crescente. Esse profissional intercultural tem a capacidade de melhor entender as diferenças culturais. Por isso, consegue obter resultados favoráveis de maneira eficiente. Visando a preparação de tais profissionais, esse trabalho avalia os conceitos de Comunicação Intercultural, Competência Intercultural e Sensibilidade Intercultural relacionado à experiência de aprendizagem intercultural proporcionada por meio do intercâmbio pela Organização Não-Governamental AFS Intercultura Brasil.

Palavras-chave: AFS; Comunicação Intercultural; Competência Intercultural; Interculturalidade; Sensibilidade Intercultural.

Introdução

A cada dia que passa o mundo parece ficar cada vez menor. As barreiras territoriais diminuem à medida que a cultura de um povo fica mais acessível ao resto do mundo. Hoje, um carro fabricado no Brasil tem suas peças compradas da China, Índia, Singapura, França e vários outros países. O número de negócios fechados *overseas* cresce de forma ininterrupta. Hoje em dia, gestores até de pequenas ou médias empresas têm dificuldade em lidar com suas várias atividades e premissas ao mesmo tempo. Por isso, faz-se muito importante o entendimento e o conhecimento de que conceitos como autoridade, integridade, liberdade, igualdade e tantos outros variam de acordo com o background cultural de cada grupo de pessoas. Entender a outra cultura, o outro, é fundamental para se comunicar com efetividade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Publicidade e Propaganda, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º ano do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, UP, email: fernandaogasawara@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, UP, email: atconsentino@gmail.com

A primeira parte desse trabalho traçará um panorama sobre os diversos conceitos e ideias de cultura ligados à comunicação intercultural. Essa parte trará para discussão, principalmente, as definições de Geert Hofstede e Edward T. Hall.

A segunda parte irá trazer uma breve definição e reflexão sobre Competência Intercultural. Essa parte será baseado nos estudos de Darla K. Deardorff, Kate Berardo e Janet e Milton Bennett.

Depois, serão ligados os conceitos de sensibilidade intercultural e aprendizagem intercultural. Esses últimos serão analisados na prática sob a ótica dos programas de preparação e de intercâmbio da ONG AFS Intercultura Brasil..

Cultura como visão de mundo

Segundo Wagner (2010), nossa ideia de visão de mundo é construída, “(...) todo nosso leque de controles convencionais, nosso ‘conhecimento’, (...) são um conjunto de dispositivos para a invenção de um mundo natural e fenomênico”.

Todavia, Morin (2011, p.13) afirma que não construímos um mundo homogêneo, pois há um desajuste entre os saberes separados. A hiperespecialização cada vez maior das áreas faz com que o indivíduo não consiga ter uma visão global de tudo aquilo que nos cerca. Isso traz à sociedade vários desafios. Entre eles está o desafio cultural e o desafio de interligar diferentes formas de conhecer e interagir. Há ruídos entre as diversas culturas e entre saberes diferentes, como por exemplo entre o olhar técnico e o olhar das humanidades. Segundo Morin (2011, p. 18), “O mundo técnico e científico vê na cultura das humanidades apenas uma espécie de ornamento ou luxo estético [...]. O mundo das humanidades vê na ciência apenas um amontoado de saberes abstratos e ameaçadores”.

Para estudar a comunicação intercultural é preciso, de início, definir o conceito de cultura – e os saberes técnicos às vezes se confrontam com os saberes das humanidades. Em uma definição estática de cultura, Hofstede (1991) desenvolveu um importante estudo em que se analisou os valores dos gestores da IBM no mundo. Hofstede fez uma ponte entre a cultura e a programação mental. Para ele (1991, p.18),

(...) cada um de nós transporta consigo padrões de pensamento, de sentimentos e de ação potencial, que são o resultado de uma aprendizagem contínua. Uma boa parte foi adquirida no decurso da infância, período do desenvolvimento onde somos mais susceptíveis à aprendizagem e assimilação. Quando certos padrões de pensamento, sentimento e comportamentos se instalam na mente de cada um, torna-se necessário desaprender, antes de aprender algo diferente, e desaprender é mais difícil que aprender pela primeira vez.

O resultado da pesquisa de Hofstede na IBM foi chamada de “dimensões de Hofstede”. São as seguintes: distância hierárquica, grau de individualismo (ou coletivismo), grau de masculinidade (ou feminilidade) e controle da incerteza (HOFSTEDDE, 1991, p. 29). Uma quinta dimensão (noção de tempo) foi adicionada posteriormente Nakata (2009, p. 4).

Hofstede (1991, p. 19) ainda afirma que essas programações culturais são usualmente chamadas de “cultura”. Esse pensamento pode ser ligado a uma das treze pressuposições da Programação Neurolinguística (PNL). Para O’Connor (2012, p. 5), as pessoas respondem à sua experiência, não à realidade em si. Os sentidos, as crenças e a experiência já passadas dão ao indivíduo um mapa do mundo a partir do qual ele consegue operar. Porém, ele ressalta que o mapa jamais pode ser totalmente preciso – essa imprecisão pode ser interpretada como a presença de uma abertura para as diferenças culturais. Os conceitos da PNL foram muitas vezes criticados por abordarem o fenômeno da cultura em um modelo excessivamente mecânico e linear, e que ignoram a complexidade e a singularidade de cada sujeito e comunidade – a perspectiva mais habitual da antropologia.

Hall (1992, p. 76), antropólogo de formação, relata que trabalhou em uma reserva dos povos Navajo e Hopi, de 1933 a 1937. Nessa experiência profissional identificou os detalhes e a complexidade de um dos problemas mais significativos do mundo: as relações interculturais. Hall se utiliza dos campos da antropologia cultural, linguística, etologia (estudo do comportamento dos animais) e da teoria psicanalítica de Freud para criar um novo campo de estudo: a Comunicação Intercultural (Leeds-Hurwitz, 1990).

Entre os conceitos mais importantes da teoria da comunicação intercultural de Hall estão: comunicação verbal e não verbal, de alto e baixo contexto, tempo monocrônico ou policrônico, entre outros. Hall defende que a maioria das pessoas se comunica de forma inconsciente. A esse modo de comunicação ele dá o nome de “não verbal” – um jeito de se comunicar em que cada indivíduo usa muito expressões faciais e movimentos com o corpo. Com relação ao contexto, Hall acredita que contexto e significado estão relacionados, ainda que esse nível de relação possa variar de cultura para cultura. Em culturas denominadas de “alto contexto”, o significado não se concentra apenas nas palavras, mas também nos ambientes físico e social. Ao contrário, nas culturas de “baixo contexto”, a maioria do significado da mensagem está nas palavras. Outra classificação de Hall faz referência e diferenciação sobre como as diferentes culturas lidam com o tempo. Pensando nisso, HALL dividiu as culturas em “monocrônicas” ou “policrônicas”. Em culturas monocrônicas o tempo é compartimentado, de forma que as pessoas precisam terminar algo para começar

outra atividade. Em culturas policrônicas, há várias atividades e interações ocorrendo ao mesmo tempo (HALL, 2011, p.1 e 2).

Para além da ideia de cultura compartimentada, Terry Eagleton (2003) defende que hoje as pessoas estão presas entre uma noção de cultura demasiadamente ampla e outra desconfortavelmente rígida. Cultura pode ser vista no sentido das artes ou definir uma qualidade de vida refinada (como civilidade), cuja concretização na prática se dá por meio da cultura em um sentido social com foco em mudanças políticas, por exemplo. Segundo Eagleton (2003, p. 35),

O que é que liga cultura como crítica utópica, cultura como modo de vida e cultura como criação artística? A resposta é certamente uma resposta negativa: todas as três são, de diferentes maneiras, reações ao fracasso da cultura como civilização real – como a grande narrativa do autodesenvolvimento humano. (...) a cultura pode sobreviver abjurando toda abstração desse tipo e fazendo-se concreta, tornando-se a cultura da Baviera ou da Microsoft (...)

Eagleton denomina os diferentes significados que cultura pode ter como *Crise da Cultura*. Para tentar explicar o fenômeno, Milton Bennett (2013) se baseia em dois sociólogos, Peter Berger e Thomas Luckmann, revelando a diferenciação entre cultura objetiva e cultura subjetiva. A primeira, Bennett define como sendo “big C”. A segunda, como “little c”. Ou seja, a cultura objetiva seria a “Cultura”. A cultura subjetiva seria a “cultura”. A cultura objetiva (“Cultura”) é aquela passada conscientemente de geração para geração. Ela dá foco às informações formadas por instituições para que essas organizem uma sociedade. Alguns exemplos são: economia, política, linguística e geográfica. A cultura subjetiva (“cultura”) reflete o lado menos óbvio da cultura. Ela diz respeito a suposições, valores e necessidades expressos de forma não verbal ou ainda implícita em uma mensagem. Enquanto a “cultura” define o processo que constitui um grupo de pessoas, a “Cultura” define o seu conteúdo (BENNETT M., 1998, p. 2 e 3).

Milton Bennett acredita em uma concepção construtivista da comunicação. Nesta perspectiva, a abordagem mais tradicional é que a “comunicação intercultural é experiência construída”. Nesse sentido, ele defende o conceito e o modelo de Sensitividade Intercultural, que será também discutido nesse artigo.

Ainda assim, após a discussão e tentativa de definição do que é Cultura, ainda resta uma dúvida: como pessoas de diferentes Culturas, apesar de muitas vezes acontecerem mal entendidos, conseguem se entender e conviver?

O AFS

O americano A. Piatt Andrew criou o American Field Service (AFS) em plena Primeira Guerra Mundial com a missão de transportar soldados franceses feridos em combate. A operação teve início em um hospital militar localizado em Paris, França. Todo o serviço foi feito por voluntários e financiados por civis. A missão não era de conflito, mas de caráter humanitário. Ao final da guerra, 2.500 homens tinham servido no American Field Service com o exército francês.

O AFS também foi ativado durante a Segunda Guerra Mundial. Com um corpo de condutores voluntários, o AFS atuou na França, norte da África, Oriente Médio e Itália. Após a Segunda Guerra Mundial, Stephen Galatti e 250 condutores AFS prometeram continuar a sua tradição de paz do AFS e criaram o "AFS International Scholarships" (bolsa internacional do AFS, em tradução livre). A tradição AFS de compreensão mundial e de intervenção continuaria por meio de intercâmbios interculturais e educacionais. A principal ideia dessa iniciativa é que a partir do entendimento entre diferentes culturas é possível atingir a paz mundial.

Hoje, o AFS é uma Organização Não Governamental (ONG) internacional e voluntária. As famílias que hospedam os estudantes contam com o total apoio do AFS e dos voluntários locais (que são treinados para lidar com problemas de choque e adaptação cultural). Porém, não recebem nenhum tipo de ajuda financeira ou isenção fiscal. O conceito é receber alguém de outra cultura porque deseja aprender e ter essa experiência.

O AFS prioriza seus programas interculturais em jovens de 14 a 18 anos por meio do intercâmbio (de 6 a 12 meses) com orientações antes, durante e depois da experiência sobre aprendizagem intercultural.

Hoje, o AFS está presente em mais de 88 países e já realizou mais de 400.000 intercâmbios.

Competência Intercultural

Pensando em um contexto global é importante identificar habilidades críticas e fundamentais para um líder em um ambiente intercultural. Segundo Deardorff (2009), identificar as competências culturais necessárias para o líder deve ser um foco dos estudos interculturais. Também, devem ser apontados maneiras e caminhos para que essas competências possam ser desenvolvidas.

Segundo Janet Bennett (2011, p.3), competência intercultural é “um conjunto de competências cognitivas, afetivas e comportamentais que dão suporte apropriado a interação em diversos contextos”. Podem ser citadas como competências cognitivas o conhecimento de sua própria cultura, conhecimento cultural geral e específico. Em se tratando de competências afetivas, são ressaltadas a curiosidade, flexibilidade e motivação. Com relação ao comportamento, é importante a habilidade de se relacionar com os outros, saber escutar ao próximo, ser empático e saber observar outro contexto diferente do seu.

Seguindo essa ideia, Morin (2011, p. 21 e 22) afirma que

Contrariamente à opinião hoje difundida, o desenvolvimento das aptidões gerais da mente permite o melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas. Quanto mais desenvolvida é a inteligência geral, maior é sua capacidade de tratar problemas especiais. A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral.

É focando nessa parte da educação que o AFS aposta para um melhor resultado em seus programas.

Complementando as ideias de Deardorff, J. Bennett e Morin, Milton Bennett define competência intercultural como sendo a habilidade de incorporar e agir de acordo com a sua sensibilidade intercultural. Mantendo as três definições e conceitos em mente, Milton desenvolveu um modelo para medir a Sensibilidade Intercultural das pessoas – nesse caso, estudantes. O modelo, chamado Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural (DMIS), será explicado a seguir.

Sensibilidade Intercultural

De acordo com Hansel (1997, p. 58), uma das formas de desenvolver competências é por meio do contato com outras culturas. Porém, esse contato de pessoas com diferentes backgrounds tende a causar uma resistência à experiência.

Levando em consideração a importância do desenvolvimento de competências por meio do contato com outras culturas, a ONG AFS Intercultural Programs desenvolveu um programa de aprendizagem intercultural (AICL) vinculado aos seus programas de intercâmbio. Estes possibilitam a imersão do indivíduo numa cultura de acolhimento, enquanto sustentam cada indivíduo no desenvolvimento da sua competência intercultural. O objetivo de um programa de intercâmbio é incentivar o indivíduo a desenvolver uma visão de mundo de forma a entender e aceitar as diferenças. Assim, o estudante se torna cada vez

mais culturalmente competente quando no contato com o outro e a sua maneira de viver. Passando por um processo de grande ambiguidade em que a escolha já não se pode fazer simplesmente entre “melhor” e “pior”, progressivamente o participante no intercâmbio vai fazendo a sua síntese entre a sua cultura e maneira de ser “original” e a que resulta da sua integração na cultura de acolhimento. Esta síntese pessoal é, de fato, a criação de uma nova percepção social que resulta da aprendizagem intercultural. Kim (2013, p. 25) explica essa transformação como sendo uma desculturação e aculturação ao longo do tempo.

Esse modelo tem três estágios: no primeiro tempo, a pessoa é representada apenas com as peças mentais de sua cultura. No segundo, já há peças da cultura hospedeira em que a pessoa está inserida. Também, há uma mudança na forma de pensar sobre o mundo. Em um terceiro passo, há uma acomodação de todas as peças de forma a acomodar novos e velhos valores culturais.

Assim, a Aprendizagem Intercultural é mais do que um conjunto de conhecimentos. É um novo estado de espírito que acompanhará o indivíduo em todas as suas futuras experiências interculturais.

É com a aprendizagem intercultural que a pessoa consegue desenvolver certas competências interculturais para obter resultados positivos a fim de interagir com sucesso com pessoas de outras culturas.

Por esse ser um processo de grande ambiguidade, ao estudante é dado suporte não apenas no período da experiência no exterior, mas também antes e depois do intercâmbio. Vale ressaltar que o modelo não valoriza somente a experiência do intercambista, mas também a família hospedeira, a família natural e a escola hospedeira. Nesse sentido, foram desenvolvidos por um grupo de voluntários e funcionários do AFS os Princípios das Orientações do AFS. Nessas orientações, a ideia é desenvolver atividades para ajudar os grupos citados a alcançar uma maior consciência intercultural, além de garantir a qualidade do programa dentro da rede do AFS (2013):

O valor educacional dos programas do AFS vem da experiência direta do participante ao defrontar-se com lugares e culturas previamente desconhecidos. Essa metodologia pode ser referida como aprendizagem intercultural, que é a prática pela experiência e envolve o corpo, os sentidos, as emoções e a mente, assim como as relações com os outros. Os Princípios das Orientações do AFS encorajam o uso das habilidades intelectuais pessoais para entender essas experiências interculturais em um contexto mais amplo de educação intercultural e consciência global.

A abordagem intercultural das relações entre culturas diversas caracteriza-se por dar ênfase ao conhecimento mútuo e ao diálogo entre elas e por reconhecer igual valor às culturas que coexistem.

O efeito da nossa cultura na leitura do mundo que nos rodeia assemelha-se à utilização de “óculos culturais” de uma determinada cor; a nossa visão do mundo é sempre tingida pelos mesmos tons. Mudando de cultura, muda-se o filtro dos óculos e percebe-se que a nossa forma de ver as coisas não é única.

As metodologias de aprendizagem intercultural pretendem suscitar o interesse das pessoas para experimentarem “óculos culturais” diferentes e propõem-se a ensinar como é que se podem utilizar óculos diferentes. Sem experimentar de fato outros óculos não é possível saber o efeito que eles podem causar.

Para tentar entender melhor as reações das pessoas quando se envolvem com diferenças culturais, Milton Bennett desenvolveu o Modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural (DMIS), observando que apesar de estarem em contextos culturais diferentes, muitos comportamentos se repetiam (BENNETT M., 1998). Por exemplo, há uma negação do problema no início da experiência, depois, a comparação da sua cultura com a do outro para depois chegar em um estágio em que se percebe que os indivíduos não são tão diferentes uns dos outros apesar de serem de culturas distintas.

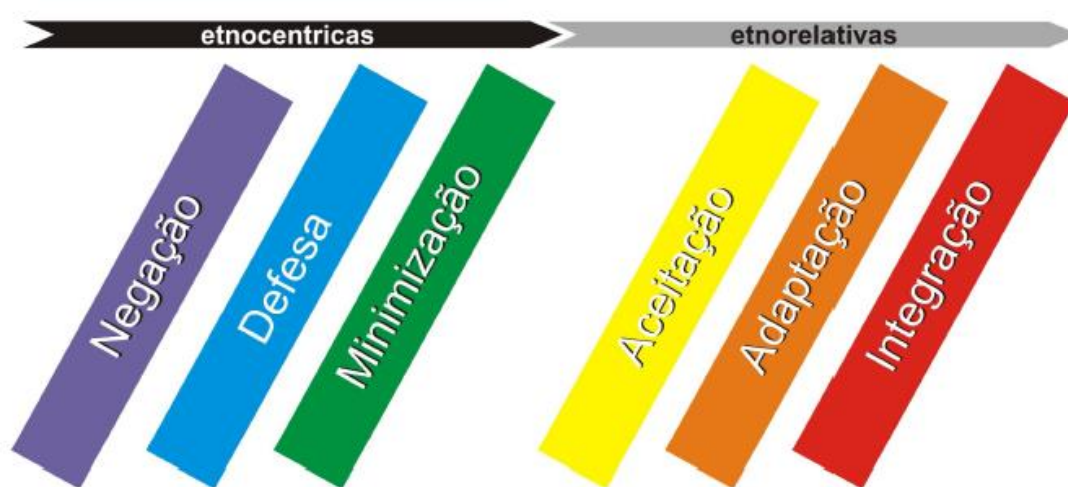
Bennett (2013, p. 12) define sensibilidade intercultural como um termo usado em desenvolvimento intercultural para se referir à habilidade de discriminar diferenças culturais e de ser hábil de levar em consideração essas diferenças ao se comunicar em outros contextos culturais. O modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural (DMIS) criado por ele busca colocar em seis etapas como esse desenvolvimento ocorre. A intenção é que a pessoa consiga se desenvolver de modo a ter atitudes intencionais em certo contexto cultural. Também, que essa sensibilidade seja, pelo menos em parte, transferível de um contexto cultural para outro (BENNETT, 1998, p. 15 – 18).

Modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural (DMIS)⁴

⁴Resumo referenciado no artigo de Milton Bennett disponível em
<<http://www.library.wisc.edu/EDVRC/docs/public/pdfs/SEEDReadings/intCulSens.pdf>> Acesso em 05/Junho/2013.

Modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural

Experiencia em uma Cultura Diferente



Bennett, M.J. (1993). *Towards Ethnorelativism: A Developmental Model of Intercultural Sensitivity*.

FIGURA 1: MODELO DE DESENVOLVIMENTO DE SENSIBILIDADE INTERCULTURAL
FONTE: <http://esbenvontangen.files.wordpress.com/2010/01/dmis-model.jpg>

A. NEGAÇÃO

Indivíduos que estão na etapa de negação não veem diferenças culturais. Eles sabem como as coisas são feitas em sua própria cultura e acreditam que em outros lugares ou em outros grupos, as coisas são feitas da mesma maneira. Já que indivíduos nesta etapa acreditam que não existam outras culturas, eles normalmente não demonstram nenhum interesse no tópico “cultura”.

Frases comuns de indivíduos no estágio de Negação:

“Todas as cidades grandes são iguais – muitos edifícios, carros demais e Starbucks”.

“Eu nunca tive muito contato com outras culturas, e não me interessa muito pelo tema”.

B. DEFESA

Na etapa de Defesa, indivíduos veem diferenças culturais e normalmente se sentem intimidados ou ameaçados por elas. Para os que estão em Defesa o mundo é dividido em “nós” e “eles”. Existem duas formas de Defesa: uma forma é aquela que os indivíduos veem ‘nós’ como sendo melhor que ‘eles’ e a outra forma é a chamada reversão, em que indivíduos admiram outra cultura e veem sua própria cultura como inferior.

Frases comuns a indivíduos no estágio de Defesa:

“Quando você vai para outros países você vê como o seu país é bom.”

“Meus compatriotas me deixam com vergonha, por isso passo a maioria do tempo com pessoas nativas de minha cultura hospedeira.” (reversão)

C. MINIMIZAÇÃO

Em Minimização, indivíduos acreditam que, já que somos todos humanos, todo mundo é fundamentalmente igual. Para indivíduos em Minimização, diferenças culturais são coisas triviais – o que realmente interessa é que somos todos seres humanos e por isso temos sentimentos semelhantes, esperanças e necessidades iguais. Indivíduos agem de acordo com a regra: trate os outros como gostaria de ser tratado.

Frases comuns a indivíduos na etapa de Minimização:

“A melhor forma de se entender com indivíduos de outras culturas é ser totalmente autêntico e honesto”.

“Os costumes são diferentes, mas quando você realmente os conhece percebe que eles são basicamente iguais a nós”.

D. ACEITAÇÃO

Indivíduos que entram na etapa de Aceitação conseguem reconhecer que existem diferenças significativas entre indivíduos de culturas distintas, e tem a tendência de aceitar e respeitar estas diferenças. No entanto, nesta etapa, indivíduos ainda sentem insegurança de como lidar com estas diferenças culturais.

Frases comuns a indivíduos no estágio de Aceitação:

“Às vezes fico confuso sabendo que valores são diferentes em outras culturas e quero respeitar isso, mas também quero manter meus valores pessoais”.

“Eu sei que eu e minha família hospedeira tivemos experiências de vida diferentes, mas estamos aprendendo a viver juntos”.

E. ADAPTAÇÃO

Na etapa de Adaptação os indivíduos já ganharam competência e experiência para lidar de forma eficaz com as diferenças culturais. Eles conseguem adaptar suas formas de interação e comunicação, incluindo os valores existentes em outras culturas. Eles se sentem confortáveis em interagir com pessoas com diferentes valores e crenças. A cultura é vista muito mais como processo de acordo com outros do que como algo que uma pessoa tem.

Neste estágio, indivíduos desenvolveram empatia cultural e agem de acordo com a regra: trate os outros como eles gostariam de ser tratados.

Frases comuns a indivíduos no estágio de Adaptação:

“Independente da situação em que eu esteja, consigo ver pontos de vista culturais variados”.

“Eu cumprimento pessoas da minha cultura e de minha cultura hospedeira de formas distintas, levando em consideração formas diferentes que outras culturas mostram respeito”.

F.INTEGRAÇÃO

A etapa de Integração está relacionada à identidade cultural do indivíduo. Em Integração, o indivíduo desenvolveu um senso de si mesmo como pertencente a duas ou mais culturas ou grupos. O indivíduo está confortável com a relatividade cultural e é capaz de avaliar a resposta apropriada dependendo do contexto.

Frases comuns a indivíduos na etapa de Integração:

“Independente da situação, consigo enxergar por uma variedade de pontos de vista culturais, e me sinto bem fazendo isso”.

“Eu gosto de participar 100% em minhas duas culturas”.

Esse modelo ajuda a entender as necessidades dos intercambistas. Entendendo suas necessidades é possível montar orientações voltadas para estas questões. Com isso, aumenta-se a competência cultural dos estudantes, o que fará com que eles consigam interagir com sucesso em um mundo multicultural.

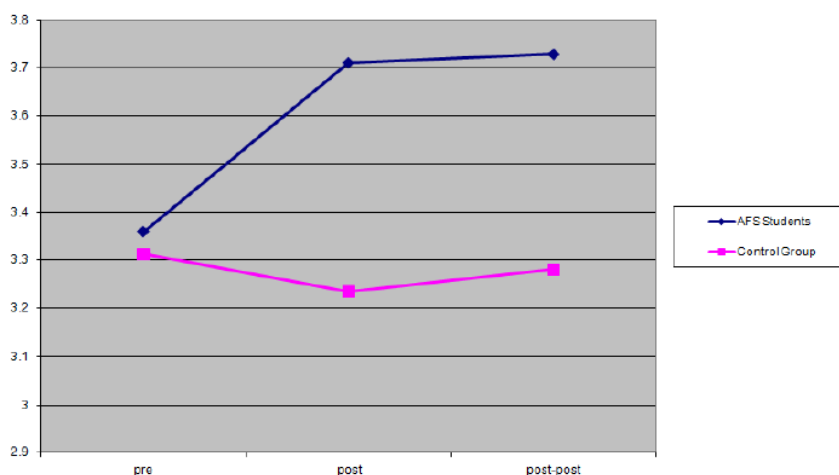
Após essa fase de preparação e orientação que dura aproximadamente nove meses, o AFS fará a colocação do estudante no país escolhido. O estudante terá automaticamente, ao começar a sua experiência, três círculos sociais no exterior: a família hospedeira, escola (high school) e suporte dos voluntários locais do AFS mais próximo. A principal ideia aqui é evidenciar que tudo antes da experiência pode ser entendido somente como uma apresentação – uma projeção – do ano de intercâmbio; ao chegar em uma nova Cultura, a maior parte do esforço para garantir o sucesso de uma adaptação é do próprio estudante. Por muitas vezes, Cultura é apresentado como algo passivo, algo que acaba chegando de uma forma ou de outra até o intercambista. Todavia, cabe ao intercambista buscar entender e agir de acordo com o seu novo contexto.

Análise de pesquisa do AFS

Através da conexão entre os conceitos estudados – diferenças culturais e de que a própria palavra “cultura” pode ter, competência intercultural e sensibilidade intercultural -, o AFS consegue preparar estudantes de modo a ter uma experiência intercultural mais efetiva. Em 2004, o AFS contratou o estudioso cultural Mitchell R. Hammer para verificar o impacto da experiência do AFS no exterior nas seguintes categorias: desenvolvimento de competência intercultural, diminuição da ansiedade intercultural quando em interação com pessoas de outras culturas, aumento do conhecimento do país hospedeiro, aumento da proficiência no idioma estrangeiro, aumento de interação com pessoas de outras culturas, aumento do número de amizades desenvolvidas com pessoas de outras culturas, aumento da eficiência intercultural geral, aumento da habilidade em demonstrar os valores interculturais do AFS e satisfação com a experiência de estudo no exterior.

O estudo, conduzido entre 2002 e 2004, analisou 2100 intercambistas, de nove países diferentes. Desses estudantes, 1500 eram participantes AFS e 600 estudantes que não fizeram intercâmbio. Os participantes realizaram o intercâmbio de 10 meses de duração.

O modelo utilizado para o estudo foi o Modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural (DMIS) de Milton Bennett, discutido previamente neste trabalho. Para ver em que etapas o estudante se encontrava em determinado momento, utilizou-se o questionário Intercultural Development Inventory (IDI) (“Questionário de Desenvolvimento Intercultural”, em tradução livre) – criado por Milton Bennett e Mitchell Hammer.



Pre-, post- and post-post-test results for attitudes of cultural
“Acceptance” on the DMIS (AFS participants and the control group)

FIGURA 2: COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES AFS E O GRUPO DE CONTROLE
FONTE: <http://www.afs.org/afs-and-intercultural-learning/research/>

No eixo “Y” encontra-se a pontuação dos estudantes segundo o questionário respondido. No eixo “X” encontra-se as etapas de “antes”, “depois” e “depois -depois” da experiência de intercâmbio. As atitudes aqui medidas representam atitudes esperadas na fase de Aceitação do modelo DMIS.

Apesar de os dois grupos terem começado praticamente juntos, a diferença após a experiência é expressiva.

Hammer verificou uma menor polarização de diferenças culturais, diminuição da experiência quando lidavam com uma outra cultura, mais amizades com pessoas da cultura hospedeira nos estudantes AFS.

Conclusão

A partir de epistemologia diversificada para tentar compreender o fenômeno da diversidade cultural, este artigo procurou avaliar a metodologia utilizada pela ONG AFS para a realização de intercâmbio internacional entre estudantes. Vale ressaltar que o fenômeno da cultura é incrivelmente complexo e seria impossível, em um único artigo, abordar e avaliar todas as perspectivas possíveis de compreensão do tema. Apesar disto, e também considerando que este é um estudo preliminar, com as referências apresentadas, é possível afirmar que os modelos da AFS são eficazes e possibilitam uma maior tolerância cultural entre todos os indivíduos envolvidos com o intercâmbio. É também possível afirmar que o modelo da AFS é eficaz na construção de uma comunicação intercultural. Finalmente, em um contexto econômico-social em rede, em que as demandas da economia também se traduzem em demandas de conhecimento de outras culturas, o programa da AFS pode ser utilizado como um modelo de construção de competência intercultural.

Referências

AFS. **AFS Brasil**. Disponível em <<http://afs.org.br/>> Acesso em 29 de Maio de 2014.

AFS. **AFS Educational Results Study**. <<http://www.afs.org/afs-and-intercultural-learning/research/>> Acesso em 30 de Maio de 2014.

AFS. **Archival Collections**. Disponível em <<http://www.afs.org/afs-history-and-archives/about-the-archives/archival-collections/>> Acesso em 29 de Maio de 2014.

AFS. **História do AFS**. Disponível em <<http://www.intercultural-afs.pt/quem-somos/historia/>> Acesso em 29 de Maio de 2014.

AFS. **AFS History.** Disponível em http://www.afsusa.org/site_images/0003/2783/AFS_History.jpg Acesso em 29 de Maio de 2014.

AFS. **O que todo AFSer deve saber sobre AICL – Manual de treinamento.** Rio de Janeiro, 2013.

BENNETT, Janet. **Developing Intercultural Competence For International Education Faculty and Staff.** San Francisco: AIEA Leaders in International Higher Education, 2011.

BENNETT, Milton J. **Towards a Developmental Model of Intercultural Sensitivity in R. Michael Paige, ed. Education for the Intercultural Experience.** Yarmouth: Intercultural Press, 1993.

BENNETT Milton, J. **Intercultural communication: A current perspective.** In Milton J. Bennett (Ed.), **Basic concepts of intercultural communication: Selected readings.** Yarmouth: Intercultural Press, 1998.

BENNETT, Milton J. **Basic Concepts of Intercultural Communication.** Boston: Intercultural Press, 2013.

DEARDORFF, Darla K. **The SAGE Handbook of Intercultural Competence.** Los Angeles: SAGE, 2006.

EAGLETON, Terry. **A idéia de Cultura.** São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

HAMMER, Mitchell R., **Avaliação do Impacto da Experiência do AFS no Estudo no Exterior.** Disponível em <http://goo.gl/gTiajU> Acesso em 31 de Maio de 2014.

HALL, Edward T. **An Anthropology for Everyday Life.** Nova York: Doubleday/Anchor Books, 1992.

HALL, Edward T. **Contributions of Edward T. Hall.** Nova York, 2011. Disponível em <http://www.afs.org/afs-intercultural-link/icl-for-friends/>. Acesso em 24/Setembro/2013.

HANSEL, Betsy. **The Exchange Student Survival Kit.** Londres: Intercultural Press, 2007.

HOFSTEDE, Geert. **Culturas e Organizações.** Lisboa: Edições Sílabo, 1991.

HOFSTEDE, Geert. **Cultural Dimensions.** Disponível em <http://research-methodology.net/wp-content/uploads/2020/11/Hofstede%E2%80%99s-Cultural-Dimensions.png> Acesso em 29 de Maio de 2014.

KIM, Y. Y.. **Becoming intercultural: An integrative theory of communication and cross-cultural adaptation**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001

LEEDS-HURWITZ Wendy. **Notes in the History of Intercultural Communication: The Foreign Service Institute and the Mandate for Intercultural Training. Quarterly Journal of Speech, 76(3): 262-281, 1990.** Disponível em <
<http://my.ilstu.edu/~jrbaldw/372/Culture&Communication.htm>> Acesso em 04 de Abril de 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

NAKATA, Cheryl. **Beyond Hofstede**. Great Britain: CPI Antony Rowe, Chippenham and Eastbourne, 2009.

O'CONNOR, Joseph. **Manual de Programação Neurolinguística PNL**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2012.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosacnaify, 2010.